

A influência do pensamento estoico no início do cristianismo

Análise do discurso de Paulo de Tarso em Atenas (Atos dos Apóstolos 17, 16-34)

Alex Ângelo Batistela Júnior¹

Todos fomos efetivamente batizados num único espírito, para formar um único corpo, sejam judeus, sejam gregos, sejam escravos, sejam livres. Paulo de Tarso

Resumo: Neste artigo propomos fazer um elo entre o pensamento filosófico do estoicismo com o discurso de Paulo de Tarso aos gregos, no Areópago, em Atenas. Paulo era um erudito e conhecia muito bem as correntes filosóficas hele-nísticas de sua época; assim era capaz de dialogar com todos, como mostra o livro de Atos dos Apóstolos. Sendo assim, faz-se necessário uma introdução do que venha a ser a Escola Estoica, bem como quem foi Paulo de Tarso e em que momento se encontra o discurso do apóstolo na Grécia. Com essas ferramentas em mãos, poderemos destacar pontos principais do discurso de Paulo e realizar a ligação com um hino estoico dedicado a Zeus. O estudo pretende, assim, apresentar a relação do cristianismo nascente em diálogo com a filosofia grega atual daquela época.

Palavras-chaves: Paulo de Tarso. Estoicismo. Atos dos Apóstolos. Areópago. Atenas. Cleanto. Hino a Zeus.

Abstract: In this article we propose a connection between the philosophical school of stoicism with Saul's speech to the greek, on the Aeropagus, in Athen.

1 Graduado em Filosofia, cursado na Faculdade Dehoniana entre os anos de 2017-2019, Taubaté – São Paulo.

Paul was an erudite and knew very well the Hellenistic philosophical schools of your time; in this way, he was capable of dialogue with all of them, like it was shown in the book the of the Acts of the Apostles. It is necessary to introduce what is the Stoic School, and Saul of Tarsus and the circumstances when he does his speech in Greece. With these tools in hand, we can highlight Paul's speech's main points and link with the stoic hymn dedicated to Zeus. The study intends, this way, to present the connection of nascent Christianity in dialogue with the greek philosophy of that period.

Keywords: Saul of Tarsus; Stoicism; Acts of the Apostles; Aeropagus; Athen; Cleanthes; Hymn to Zeus.

Introdução

O tema deste artigo é a influência do pensamento estoico no discurso de Paulo de Tarso no Areópago, em Atenas, presente no livro dos Atos dos Apóstolos. A problemática em que este trabalho se insere reside no fato de que a visão de Paulo como filósofo, erudito e intelectual ainda é pouco difundida no campo da filosofia e da própria teologia. Huberto Rohden, Frederick Bruce e Oscar Cullman são alguns escritores contemporâneos² que apresentam Paulo em seu campo missionário, apostólico e como teólogo. Apresentar a outra versão do apóstolo – como um pensador, intelectual de sua época – consiste num desafio. O texto de Atos dos Apóstolos é o primeiro a mostrar o diálogo da então nascente corrente cristã com o pensamento filosófico do helenismo daquela época (estoicismo e epicurismo). Além disso, poder olhar de outra forma para o texto escriturístico, que não seja histórica, mas filosófica, é o que o leitor encontrará no texto que se segue. Compreender esta relação melhora nosso entendimento de como o cristianismo, e não outra religião oriental, pôde se expandir mediante a adoção de elementos da cultura clássica antiga (greco-romana). O que os modernos rompem com Aristóteles e Platão (retomados depois por Agostinho e Tomás de Aquino), os estoicos já haviam feito tal rompimento; nisso reside o fato que faz com que a doutrina cristã primitiva do I século se aproxime da filosofia estoica.

2 Todos esses autores são teólogos não-católicos do final do século XX e início do século XXI.

O presente trabalho tem por objetivo investigar como se apresenta o pensamento estoicista no discurso em Atenas do Apóstolo Paulo. Espera-se que este trabalho possa contribuir com a construção de uma ponte entre a filosofia helênica do mundo grego do I século e os primórdios da teologia/filosofia cristã primitiva.

Parte-se da hipótese de que o discurso de Paulo de Tarso em Atenas possa ser caracterizado por conter elementos de um hino estoico ao deus grego Zeus, do filósofo Cleanto, da Escola Estoica Antiga. De fato, o texto de Atos dos Apóstolos é o primeiro texto (dentro da versão cronológica da Bíblia, não na cronologia histórica, tendo em vista que cartas de Paulo como aos tessalonicenses e aos coríntios datam de meados dos anos 50 do primeiro século) em que se trata dessa relação entre a filosofia helênica e o cristianismo nascente.

Considerando tal hipótese, precisamos percorrer um caminho que vai desde compreender alguns princípios básicos do estoicismo, passando por uma biografia de Paulo – sua infância, sua educação – e entender a importância da cidade de Tarso da Cilícia. Acentuamos os pontos comuns de que o princípio do cristianismo tenha sofrido certa influência pela filosofia clássica.

Este presente artigo organiza-se em 3 seções a fim de seguirmos uma sequência didática de pensamento até alcançarmos nosso objetivo. No primeiro capítulo vamos discorrer sobre os ideais do pensamento estoico (sem muito nos aprofundar pois não é esse nosso intuito), assim como as diversas escolas da *Stoa* e seus principais expoentes; no segundo momento, apresentamos um traço biográfico do Apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso – nascimento, família, educação e vida apostólica, bem como conhecer sobre a cidade de Tarso que grande influência exerceu sobre a vida do jovem Saulo; e por fim, no último capítulo, faremos uma análise do discurso de Paulo no Areópago (Atenas) presente no livro de Lucas, Atos dos Apóstolos. Tal análise compreenderá o momento em que aconteceu este discurso e quais são os pontos semelhantes com a doutrina estoicista, principalmente em relação ao Hino a Zeus de Cleanto de Assos, filósofo estoico do século IV a.C.

1. O pensamento estoico

1.1 Base helenística

Quando Alexandre³, o Grande, conquista grande parte do mundo conhecido no século II a.C., provoca uma profunda mudança nos campos político, social e cultural da antiguidade. A magna importância dessas conquistas reside no encontro que ele propiciou entre o Oriente e o Ocidente. É a esse período que damos o nome de helenismo, profundamente marcado pelo desaparecimento das fronteiras entre diferentes impérios, reinos e culturas. Nesse ambiente perde força a *polis*.

A *polis*, destinada a cidadãos⁴, era constituída por um espaço denominado *demos* (homens livres e proprietários) e de um conselho (*boule*), que se preocupava com as questões coletivas. Atenas é um exemplo dessa *polis* na idade de ouro da democracia, que dava aos seus cidadãos o direito de votarem na reunião da cidade (*ekklesia*⁵) sobre temas diversos. A vida na cidade era sujeita à lei e resolviam-se as disputas mediante argumentação e, em Atenas, mediante votos de jurados perante magistrados⁶.

O homem grego livre deixou de fazer parte de uma estrutura (*polis*), e passou a ser inserido em uma grande e única pátria (o império macedônico de Alexandre). Sua cidadania foi esvaziada

3 Nasceu em 356 a.C. no palácio de Pela, Macedônia. Era filho de Felipe II e desde cedo se destacou por sua inteligência. Seu pai incumbiu Aristóteles de educá-lo. Alexandre aprendeu as mais variadas disciplinas: retórica, política, ciências físicas e naturais, medicina e geografia, interessando-se pela história grega e pela obra de autores como: Eurípedes e Píndoro. Na arte da guerra, recebeu lições de seu pai, distinguindo-se nas artes marciais. Após o assassinio de seu pai, em 336 a.C., Alexandre subiu ao trono da Macedônia, empreendendo a expansão territorial do reino (*Encyclopaedia Britanica do Brasil* Publicações Ltda, 1996, p. 233).

4 Pertencente à cidade. Forma suprema do Estado entre os gregos. Segundo Aristóteles, a essência do homem residia na sua capacidade de ser cidadão, porém a cidadania era um privilégio das classes dirigentes. Cf. Anibal PONCE, *Educação e lutas de classes*, 1991, p. 46.

5 Assembleia.

6 Cf. Wayne MEEKS, *As origens da moralidade cristã: os dois primeiros séculos*, 1996, p.16.

nessa nova estrutura política, pois os deveres do homem helenístico já não eram os deveres cívicos de um Estado, mas os de todo homem, membro de uma cidade sem fronteiras⁷.

O fim da *polis* também é o fim de uma religião oficial grega, que deixou a sua vinculação com a política; assim, o espírito religioso perdeu seu caráter de coletividade e voltou-se para a individualidade, para a subjetividade, pois o homem do Império deveria buscar a sua salvação em seu interior⁸.

Diante desse quadro, as reflexões filosóficas deixam o coletivo e voltam-se em reflexões sobre a vida particular para entender o desgaste existencial que o homem vivenciava. Sua felicidade já não dependia mais das coisas exteriores, mas do seu encontro consigo mesmo. Com base nesta preocupação, surgem então novos setores de pensamento privilegiados da sociedade, tais como: epicurismo⁹, ceticismo¹⁰, e particularmente o estoicismo. Suas doutrinas deixam transparecer que o indivíduo podia ser feliz em si mesmo, não dependendo das condições exteriores para gozar de tranquilidade e de paz de espírito.

Conhecendo o que foi o helenismo e como mudou o cenário do mundo antigo, vamos nos atentar ao pensamento do estoicismo, o qual é preciso analisar para que, quando adentrarmos no discurso de Paulo de Tarso, saibamos identificar os termos chaves.

7 Cf. José Ribeiro FERREIRA, *A Grécia antiga*, 1992, p. 240.

8 Cf. Pierre LEVÊQUE, *O mundo helenístico*, 1987, p. 144.

9 Filosofia fundada por Epicuro, em Mitilene, no ano 311 a.C., desenvolvida a partir de aproximadamente vinte anos após a morte de Aristóteles. O epicurismo ensinava que o prazer é o principal bem e que uma vida feliz é aquela em que o prazer predomina. A Escola advoga, na prática, um estilo simples de vida, no qual a tranquilidade da mente desempenha importante papel, e se valoriza especialmente a companhia de amigos da mesma opinião. O epicurismo não pregava o total afastamento da vida cívica, mas não nutria simpatia pela ambição pública. Cf. Christopher STEAD, *A filosofia na antiguidade cristã*, 1999, p. 46.

10 Escola filosófica fundada por Pirro, herdeiro dos sofistas, procurava na negação a sabedoria: não julgar, não falar, não definir, ser indiferente e conseguir a ausência da perturbação. O ceticismo, em suma, é, na origem, uma disciplina moral cujo fim é a quietude. Cf. Edward BURNS, *História da civilização ocidental*, 1968, p. 253.

1.2 A escola do pórtico

No final do IV século a.C., nascia em Atenas a mais famosa escola helenística. Seu fundador foi um jovem chamado Zenão, nascido em Cítio, ilha de Chipre, por volta de 333/332 a.C. e que se transferiu para Atenas em 312/311 a.C. atraído pela filosofia. Como Epicuro, ele renegava a metafísica e toda forma de transcendência; concebia a filosofia no sentido como “arte de viver”.

Porém, não aceitava algumas doutrinas do “Jardim” dos epicuristas. Não acreditava na redução do mundo e do homem a mero agrupamento de átomos e a identificação do bem do homem como prazer¹¹.

Zenão não era cidadão ateniense, por isso ministrava suas aulas num pórtico (em grego *stoá*). Por essa razão, a nova escola teve o nome de “Estoá” ou “Pórtico” e seus seguidores foram denominados “os da Estoá”, “os do Pórtico” ou então “os estoicos”.

Costuma-se dividir em três períodos a história da Estoá:

1) Período da “Antiga Estoá”, que vai de fins do século IV a todo o século III a.C. e abrange o fundador (Zenão de Cítio) e seus sucessores diretos – Cleanto de Assos e Crísipo de Solis.

2) Período da “Média Estoá”, entre os séculos II e I a.C. e que se caracteriza por infiltrações ecléticas na doutrina original.

3) Período da “Nova Estoá”, que se situa na era cristã e assume fortes tons religiosos, em conformidade com o espírito e as aspirações do novo tempo.

Não quero me estender nos pontos da doutrina estoica, mas é necessário que alguns sejam destacados para a compreensão da relação do hino estoico a Zeus com o discurso de Paulo em Atenas. Assim, deve ficar claro em primeiro lugar que sua filosofia é de certa forma materialista monista e panteísta¹².

As virtudes, os vícios, o bem e a verdade são realidades corpóreas. A forma é, segundo eles, a Razão divina, o *Logos*, Deus, que

11 Cf. Giovanni REALE; Dario ANTISERI, *História da filosofia: antiguidade e idade média*, 1990, p. 252.

12 Cf. *Idem*, p. 256.

é o princípio ativo do universo. Esse Deus é um demiurgo criador de todas as coisas no processo da matéria. Dado que não existe matéria sem forma, Deus está em tudo e Deus é tudo. Deus coincide com o cosmos. Assim, tudo o que existe tem um significado preciso e é feito do melhor dos modos possíveis; o todo, em si, é perfeito; as coisas singulares, embora sendo imperfeitas, consideradas em si mesmas, tem a sua perfeição no esboço do todo.¹³

Estreitamente ligada a esta concepção encontra-se a noção de “providência” (*pronoia*). Afirma-se que é o finalismo universal que faz com que cada coisa seja feita como é bom e como é melhor que seja. Refere-se como destino, uma ordem natural e necessário de todas as coisas que liga todos os seres, como o *logos* segundo o qual as coisas acontecidas aconteceram. Sendo assim, surge a questão: como se salva a liberdade do homem?

A liberdade humana consiste em conformar a própria vontade à do Destino, consiste em querer, com o Destino, aquilo que o Destino quer. Liberdade é a aceitação racional do Destino.

Entendido como é o universo dos estoicos, precisamos entender partes fundamentais da ética estoica que ajudar-nos-ão na compreensão das relações do hino a Zeus com o discurso de Paulo. O homem não está apenas determinado pela sua natureza animal, mas sobretudo pela natureza racional, manifestada pelo *Logos*. Assim, uma natureza promove a conservação da vida animal (natureza animal) e outra promove a conservação da vida da razão (*Logos*).

Pois bem, para os estoicos, “o bem moral é aquilo que incrementa o *logos* e o mal é aquilo que lhe causa dano. O verdadeiro bem, para o homem, é somente a virtude; o verdadeiro mal é só o vício”¹⁴.

13 Cf. *Idem*, p. 259.

14 *Idem*, p. 262.

2. Paulo de Tarso

2.1 A cidade de Tarso

“Eu pergunto: Será que Deus rejeitou o seu povo? De modo algum! Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim”¹⁵. Afirmar sua raiz judaica revela que Saulo não cresceu em Israel¹⁶, mas que vivia nas regiões da diáspora¹⁷. Segundo o autor de Atos dos Apóstolos, é nos dada uma referência precisa de onde Paulo viera: da cidade de Tarso.

Tarso era a capital da Cilícia, banhada pelo rio Cidno e de grande importância mercantil do mundo antigo. Na época dos selêucidas da Síria, pelo rei Antíoco IV Epífanes, foi elevada ao grau de cidade-Estado grega. Em 63 a.C., quando Pompeu reorganizou as cidades da Ásia Menor, Tarso foi governada por oficiais de alto nível, como o grande orador Cícero (51-50 a.C.). Nessa época, passou a conceder títulos de cidadãos romanos às famílias estrangeiras. Esse fato explicaria a passagem de Atos dos Apóstolos: “Paulo respondeu: ‘Eu sou judeu, cidadão de Tarso, cidade importante da Cilícia. Agora, peço-te, deixa-me falar ao povo’”¹⁸.

Estrabão – historiador, geógrafo e filósofo grego, natural de Amasea, no Ponto, foi o autor da obra *Geografia*, um tratado de 17 livros contendo histórias e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido na época – foi testemunha ocular de Tarso e a elogia sob um duplo aspecto (cultura e prestígio dos habitantes): “os habitantes de Tarso dedicavam-se tão avidamente não só à filosofia, mas também a todo o conjunto

15 Rm 11,1.

16 Cf. Jerome MURPHY-O’CONNOR, *Paulo: biográfica crítica*, 2000, p. 47.

17 Diáspora refere-se às diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da conseqüente formação de comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como Israel. Duas grandes diásporas são consideradas: a da Babilônia (iniciada em 586 a.C. por Nabucodonosor II) e a diáspora romana (após a revolução e a queda do Templo de Jerusalém em 70 d.C. pelos romanos liderados pelo comandante Tito). Cf. BÍBLIA Sagrada, 2008, p. 1372.

18 At 21,39.

da educação em geral, que já ultrapassavam Atenas, Alexandria e qualquer outro lugar que possa ser citado onde haja escolas e palestras de filósofos”¹⁹.

De fato, alguns filósofos e mestres da escola estoica são de origem ciliciana. O próprio fundador do estoicismo, Zenão, nasceu em Cítio de Chipre, de pai tarsiota; outro Zenão, que foi o sucessor de Crisipo na direção da *Stoa*, nasceu em Tarso²⁰.

2.2 Infância e educação

Não pretendemos nos alongar, traço por traço, da infância, da juventude e da educação que Saulo recebeu. Mesmo porque carecemos de dados a respeito dessas fases e, portanto, somos forçados a deduzir tais fatos baseando-nos nos sistemas educacionais em Tarso.

Segundo JEROME, nas escolas primárias, tanto pagãs quanto judaicas, as crianças aprendiam a leitura, a escrita e a aritmética; a língua oficial era o grego (talvez aqui Paulo teve contato com a *Septuaginta*²¹, ou Bíblia dos LXX)²².

Ao chegar nos 11 ou 12 anos passava-se às escolas secundárias, onde os jovens aprenderiam a arte da retórica. Jerome cita uma passagem de Estrabão que explicava: “em Tarso havia todos os tipos de escolas de retórica, o que era facilidade predominante entre os habitantes de Tarso, pela qual eles podiam falar imediatamente de improviso e sem cessar sobre qualquer assunto”²³.

Encontramos no epistolário paulino algumas passagens que mostram como Paulo possuía uma cultura grega de nível médio, derivado em parte de sua formação escolar juvenil em Tarso e em

19 ESTRABÃO, *Geografia*, Livro XIV, Capítulo 5, 13, disponível em <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/14E*.html>, acesso em 20 de novembro de 2020.

20 Cf. *Idem*, 14, 5, 14-15, nomeia os nove filósofos estoicos nascidos em Tarso.

21 Septuaginta é o nome da versão grega da bíblia hebraica, traduzido do hebraico para o grego entre os séculos III e I a.C., em Alexandria.

22 Cf. Jerome MURPHY-O’CONNOR, *Paulo: biográfica crítica*, 2000, p. 53.

23 ESTRABÃO, *Geografia*, Livro XIV, Capítulo 5, 14, disponível em <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/14E*.html>, acesso em 20 de novembro de 2020.

Jerusalém. Na primeira década de sua atividade missionária Paulo entrou em contato com vários ambientes de língua grega. O modo de falar e de argumentar dos pregadores e filósofos de sua época assemelham-se ao seu estilo literário²⁴.

Em sua primeira carta aos tessalonicenses – o escrito mais antigo do Novo Testamento, possivelmente escrito entre os anos 51/52 – vemos claramente termos da antropologia platônica como “espírito, alma e corpo”²⁵; na segunda carta aos cristãos de Corinto – escrita provavelmente entre os anos 55/57 – percebemos as ideias de filósofos neoplatônicos e estoicos quando fala do homem interior em contraposição ao homem exterior, a precariedade das coisas visíveis à imutabilidade das coisas invisíveis²⁶.

2.3 Atividade missionária

Passando um olhar panorâmico sobre a atividade apostólica de Paulo (conhecido como “apóstolo das nações”), quero salientar apenas suas viagens missionárias até chegarmos ao nosso destino – Atenas.

Após sua conversão no caminho para Damasco²⁷, Paulo (ou Saulo), de perseguidor a mensageiro do Evangelho, inicia sua jornada, não só em Jerusalém, mas para terras mais distantes. Tradicionalmente, as viagens de Paulo são divididas em três itinerários:

- a) Primeira viagem: após conhecer os discípulos de Jesus, junto com Barnabé, percorre as estradas de Antioquia ao Chipre, passando por Perge, Listra e Icônio;
- b) Segunda viagem: saindo de Jerusalém e acompanhado por mais dois seguidores (Judas e Silas), Paulo segue para as províncias romanas de Síria e da Cilícia, chegando na Macedônia, Filipos, Atenas e Corinto;

24 Cf. Rinaldo FABRIS, *Paulo: apóstolo dos gentios*, 2003, p. 60-61.

25 Cf. 1 Ts 5,23.

26 Cf. 2Cor 4,16.18.

27 Cf. At 9,1-30.

- c) Terceira viagem: compreende as cidades a região da Galácia e da Frígia, Éfeso (atual Turquia), e após percorrer toda a região da Ásia Menor (Samos, Mileto) chegou a Roma.

Atentemo-nos para a segunda viagem missionária que nos levará à Atenas. Jerusalém e Atenas são cidades de dois universos, tanto religiosos quanto culturais. A atividade empreendida por Alexandre Magno possibilitou o contato desses dois mundos, o do Oriente, com sua religiosidade judaica, e do Ocidente helenista, com sua língua grega e filosofia²⁸.

A presença de judeus na Grécia, e vice-versa, faz permanecer uma grande diferença entre esses dois universos. Para a tradição judaica, Deus é o santo, inacessível. O homem grego está mergulhado nesse mundo do divino, mas imerso ao crivo crítico da razoabilidade. Talvez seja por isso que Lucas quis mostrar a missão de Paulo em Atenas. Quer apresentar o encontro e o confronto de dois perfis, um religioso e um cultural²⁹. É justamente esse encontro que apresentamos agora.

3. Análise do discurso de Paulo com o hino a Zeus

3.1 O encontro

Paulo vai para Atenas como pregador do Evangelho. De antemão, como judeus, frequenta a sinagoga ao sábado. Contudo, a oportunidade não é só a de encontrar-se com judeus e pagãos “teementes” a Deus, mas também outras pessoas interessadas num discurso religioso. Na ágora (praça em grego), todos os dias ele debate com aqueles que encontra³⁰.

Diz o autor de Atos que nesta ágora se encontram “certos filósofos epicureus e estoicos”³¹. São representantes das duas linhas mais difundidas na época do império como já dissemos.

28 Cf. Rinaldo FABRIS, *Paulo: apóstolo dos gentios*, 2003, p. 329.

29 *Idem*, p. 330.

30 Cf. *Idem*, p. 336.

31 Cf. At 17,18.

Como vimos no capítulo primeiro, o estoicismo resume-se em viver conforme a natureza.

Os novos interlocutores de Paulo querem aprender mais. Para isso, o levam para o Areópago³². Lucas está ciente da função que tem o Areópago em Atenas e, por isso, considera importante descrever essa ida de Paulo ao tribunal para falar³³.

3.2 O discurso

Após uma breve introdução para atrair a atenção do público e anunciar o tema, Paulo entra no que consideramos o corpo principal de seu discurso. Divide-se em três partes: (1) Deus é o Senhor do mundo (vv.24-25); (2) o homem é a criação de Deus (vv.26-27); e (3) há relacionamento entre Deus e o homem (vv. 28-29)³⁴. Procurarei atentar para esta porção do discurso (analisando os versículos citados) com a qual faremos a relação com o hino a Zeus do poeta estoico Cleanto.

“O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas” (v.24). Com essa afirmação, Paulo diz respeito ao Deus que fez o universo e tudo quanto ele contém – isto é, *Senhor do céu e da terra*. Sua proclamação está em consonância com o que é anunciado no Antigo Testamento, mas também seria aceito pelos filósofos; nem o Antigo Testamento emprega a palavra mundo (= *kosmos*) – pois esta não existe correspondente em hebraico – mas ao contrário, utiliza “do céu e da terra”, isto é, “de tudo”³⁵. Paulo vale-se da linguagem que provavelmente um judeu empregaria ao falar grego diante dos pagãos³⁶. Ao usar o termo “*οὐρανοῦ καὶ γῆς*” (*oûranou kai gês* = da terra e do céu) facilita a compreensão por parte dos estoicos, já que,

32 Fabris explica que a expressão lucana em grego “*epi tòn Áreion págon*”, certamente não se refere à pequena colina rochosa de Ares, na extremidade da Acrópole; o verbo *agèin* com a partícula *epi*,, na obra lucana, refere-se ao comparecimento diante de uma autoridade ou tribunal. Cf. Rinaldo FABRIS, *Paulo: apóstolo dos gentios*, 2003, p. 338.

33 *Idem*

34 Howard MARSHALL, *Atos: introdução e comentário*, 1985, p. 266.

35 Cf. Jr 10,16; Is 42,5; Ex 20,11.

36 Howard MARSHALL, *Atos: introdução e comentário*, 1985, p. 270.

no hino dedicado a Zeus pelo poeta e filósofo estoico Cleanto, Zeus é tido como Senhor da natureza - *ο Δίας συντάκτης της φύσης* (o Días syntáktis tis fýses = Ó Zeus, autor da natureza).

A natureza em sentido estoico não é aquele princípio (*arché*) - eterno, imutável e que dá origem e sustenta todas as coisas – dos primeiros filósofos naturalistas (Tales, Anaxímenes e Anaxímandro). Zenão compreende que o eterno somente é o *Logos*. Portanto, a natureza da qual se refere Cleanto em seu hino são os céus e a terra, o mundo, do qual fala Paulo em seu discurso. Este mundo, natureza, é finito, limitado e único³⁷. Diversas foram as razões que levaram Cleanto a entender porque os homens creem em Deus: os bens da natureza apresentados aos homens, os raios, os terremotos, a regularidade dos movimentos dos corpos celestes, a harmonia e a beleza do universo³⁸.

“Nem é servido por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, porque é Ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (v.25). Tal Deus não necessita de homens para dar-lhe alguma coisa; ao contrário, é Ele quem dá a todos a vida (*αὐτὸς διδοὺς πᾶσι ζωὴν* – *autòs didoûs pâsi zoîn*). A descrição de Deus como origem da respiração é tirada de Isaías 42, 5, porém, Paulo usou da terminologia corrente do tríplice conceito de vida, respiração e tudo o mais³⁹.

Vida (*zoê*) era associada a Zeus, senhor que deu origem a todos os mortais, tanto que aparece na poesia de Cleanto: *Εἶναι ἐπειδὴ γεννηθήκαμε ἀπὸ ἐσός* (*einai epeidi gennethikame apo esás* - em ti está a nossa origem). O pensamento aqui é helenístico e possui base no Antigo Testamento da Septuaginta⁴⁰.

“Ele fez nascer de um só homem todo o gênero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra” (v.26) Paulo agora volta-se para o modo d’Ele ter criado a humanidade. *De um só* simboliza Adão, mas parece ser também uma clara alusão ao conceito

37 Cf. Reinholdo ULLMAN, *Filosofia da natureza nos estoicos*, 2008, disponível em <filosofianreloanda.pbworks.com/f/Filosofia+da+Natureza+nos+Estoicos.pdf>, acesso em 15 de novembro 2017.

38 *Ibidem*.

39 Howard MARSHALL, *Atos: introdução e comentário*, 1985, p. 270.

40 Cf. 2 Mac 14,35.

helenístico de humanidade⁴¹. ἔθνος ἀνθρώπων (éthnos ánthrópon) significa “toda a humanidade” no conceito filosófico – ἀνθρώπος (ánthropos) representa todos os homens, e isto inclui mulheres, crianças, escravos, livres. Cleanto exalta em seu hino essa filiação pela qual todos os homens estão ligados a Zeus: *ἡ τύχη να εἶναι ἡ εἰκόνα ενός θεοῦ, ἀπλά εμεῖς, ἀνάμεσα σε τόσα θνητά ὄντα* (*he týche na éinai i eikóna enós theoú, aplá emeís, anámesa se tósa thnitá ónta*) – a sorte de ser imagem de um Deus, apenas nós, entre tantos seres mortais.

“Tudo isso para que procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo como que às apalpadelas, pois na verdade ele não está longe de cada um de nós” (v.27). O ideal de Deus é que os homens busquem a Ele na esperança de entrar em contato com Ele. A linguagem pode ser compreendida no sentido helênico a respeito da busca através da filosofia pela verdade e pelo divino⁴².

O pensamento paulino-judaico de que Deus não está longe do ser humano está em comunhão com o pensamento estoico⁴³. No poema a Zeus, Cleanto fornece as indicações para tal pensamento: a todos os mortais é lícito falar-lhe (*σε ὅλους τους θνητούς εἶναι νόμιμο να του μιλήσετε* – *se óλους tous thnitoús éinai nómimo na tou milísete*); todo este mundo te é submisso (*Ὀλος ο κόσμος εἶναι υποτακτικός σε σας* – *Ólos o kósmos éinai ypotaktikós se sas*). Explica também que o erro em que muitos homens estão caindo é de buscar Deus de forma errada: voltados para a ganância (*προσανατολισμένο στο κέρδος* - *prosanatolisméno sto kérdos*), com uma pressão funesta em alcançar a fama (*με μια θανατηφόρα βιασύνη για να επιτύχει τη φήμη* - *me mia thanatifóra viasýni gia na epitýchei ti fími*), buscando os prazeres físicos (*αναζητώντας τις φυσικές απολαύσεις* - *anazitóntas tis fisikés apoláfseis*). “ἐν αὐτῷ γὰρ ζῶμεν καὶ κινούμεθα καὶ ἐσμέν” (*en aftó gár zómen kaí kinoúmetha kaí esmén*), “Porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser” (v.28). O autor de Atos põe na boca de Paulo mais insinuações filosóficas gregas. É aqui o cume da afluência entre o mundo judaico bíblico e o grego-helenístico⁴⁴.

41 Cf. Howard MARSHALL, *Atos: introdução e comentário*, 1985, p. 271.

42 Cf. *Idem*, p. 275.

43 Cf. *Ibidem*.

44 Cf. Rinaldo FABRIS, *Paulo: apóstolo dos gentios*, 2003, p. 344.

A tríplice afirmação (viver, mover e ser) salienta a imersão plena do ser humano no ambiente divino. Igualmente no hino a Zeus, Cleanto explicita tal imersão do homem em Deus: *Μοναδικό από τα θνητά όντα που ζουν και κινούνται ανάμεσα στα όντα της γης* (*monadikó από ta thitá ónta pou zoun kai kinoúntai anamesa sta ónta tis gis* = [o homem] único ser entre os demais seres que vivem e se movem sobre a terra). O pensamento estoico mostra que o homem, parte do universo (do *Logos*) e único ser (“*monadikó ónta*”) capaz de entender isso, deve viver segundo tal razão.

Assim, Paulo faz uma pequena conclusão sobre a ressurreição dos mortos – e é aqui que desmotiva alguns de seus espectadores que começam a sair do Areópago⁴⁵. Paulo não fica muito tempo em Atenas e já parte para Corinto.

Conclusão

O discurso de Paulo em Atenas, presente no livro de Atos dos Apóstolos, é caracterizado por ser um encontro entre a filosofia helênica da época e a corrente cristã nascente, entre a cultura judaica e cultura grega, entre o mundo ocidental e o oriental.

O estoicismo era uma das escolas principais (junto com o epicurismo) desde o século IV a.C., até a época do império romano com Marco Aurélio. Era a escola mais aceita pela vida pública; estava presente não só apenas na Grécia, mas tinha grandes expoentes também em outras regiões como em Tarso na Cilícia. Entendiam que uma razão universal – *Logos* – ordenava todo o universo. Esse *logos* era a origem e o fim de toda a natureza, e a vida humana feliz consistia em entrar em consonância com suas leis.

Paulo, um hebreu da tribo de Benjamim, mas crescido no mundo helênico da cidade de Tarso (importante centro acadêmico estoico), muito provavelmente entrou em contato com a filosofia estoica. Falava não só o hebraico, mas também o grego *koiné*, o que facilitou seu entendimento da cultura de sua época. Seus estudos

45 Cf. At 7,32-34.

compreenderam a retórica e muitos termos filosóficos (presentes em seus escritos).

Ao se deparar com epicureus e estoicistas em Atenas (Grécia), Paulo vale-se de seus conhecimentos: usa termos filosóficos aceitos pelas duas correntes e, mais ainda, cita diversos trechos ligados ao Hino a Zeus de um poeta estoico, sucessor de Zenão de Cítio (fundador da *Stoa*), Cleanto de Assos.

Diante de todas essas considerações, conclui-se que o discurso de Paulo no Areópago, em Atenas, contém trechos transliterados relacionados com o hino a Zeus de Cleanto. Tais trechos e conceitos precisaram ser vistos no grego, o que dificultou um pouco a pesquisa. Ao longo do trabalho foi perceptível que há outros diversos textos escriturísticos nas diversas cartas paulinas que apresentam termos e conceitos filosóficos helenísticos. Essa “descoberta” atizou ainda mais nossa vontade de aprofundar no tema. De fato, muitos cristãos do início do cristianismo eram filósofos e mais precisamente estoicos. Levantou-se também a ideia de fazer a relação de certos trechos paulinos com a filosofia epicurista. Convém lembrar, porém, que o campo relacional entre Paulo e a filosofia helenística carece de mais pesquisas. É preciso ir além de tudo aquilo que já possuímos.

Referências Bibliográficas

- ARNIN, Iohannes von. *Stoicorum veterum fragmenta*, v. I. Leipzig: Teubner, 1905.
- BÍBLIA Sagrada – tradução da CNBB*. São Paulo: Ave-Maria, 2001.
- BURNS, Edward. *História da civilização ocidental*. São Paulo: Globo, 1968.
- ESTRABÃO. *Geografia*. Livro XIV. Disponível em <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/14E*.html>. Acesso em 20 de novembro de 2020.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FERREIRA, José Ribeiro. *A Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992.

- LEVÊQUE, Pierre. *O mundo helenístico*. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.
- MARSHALL, Howard. *Atos: introdução e comentário*. 1ª ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.
- MEEKS, Wayne. *As origens da moralidade cristã: os dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulus, 1991.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: biografia crítica*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Hélide: antologia da cultura grega*. 8ª ed. Cidade: Asa, 2003.
- PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 1991.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- STEAD, Christopher. *A filosofia na antiguidade cristã*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- ULLMAN, Reinholdo Aloysio. *Filosofia da natureza nos estoicos*, 2008. Disponível em <www.filosofianreloanda.pbworks.com>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

Anexos

Anexo 1: Discurso de Paulo em Atenas⁴⁶

<p>“24. O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas.”</p>	<p>“24. ὁ θεὸς ὁ ποιήσας τὸν κόσμον καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτῷ, οὗτος οὐρανοῦ καὶ γῆς ὑπάρχων κύριος οὐκ ἐν χειροποιήτοις ναοῖς κατοικεῖ”</p>
<p>“25. Nem é servido por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, porque é ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas.”</p>	<p>“25. οὐδὲ ὑπὸ χειρῶν ἀνθρωπίνων θεραπεύεται προσδεόμενός τινος, αὐτὸς δίδους πᾶσι ζωὴν καὶ πνοὴν καὶ τὰ πάντα.”</p>
<p>“26. Ele fez nascer de um só homem todo o gênero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra. Fixou aos povos os tempos e os limites da sua habitação.”</p>	<p>“26. ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς πᾶν ἔθνος ἀνθρώπων κατοικεῖν ἐπὶ παντὸς προσώπου τῆς γῆς, ὀρίσας προστεταγμένους καιροὺς καὶ τὰς ὁροθεσίας τῆς κατοικίας αὐτῶν,”</p>
<p>“27. Tudo isso para que procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo como que às apalpadelas, pois na verdade ele não está longe de cada um de nós.”</p>	<p>“27. ζητεῖν τὸν θεὸν εἰ ἄρα γε ψηλαφήσειαν αὐτὸν καὶ εὗροιεν, καὶ γε οὐ μακρὰν ἀπὸ ἑνὸς ἐκάστου ἡμῶν ὑπάρχοντα.”</p>
<p>“28. Porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser, como até alguns dos vossos poetas disseram: Nós somos também de sua raça...”</p>	<p>“28. ἐν αὐτῷ γὰρ ζῶμεν καὶ κινούμεθα καὶ ἐσμέν, ὡς καὶ τινες τῶν καθ’ ὑμᾶς ποιητῶν εἰρήκασιν, τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν.”</p>

46 Anexo recortado do site <www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria-vs-septuaginta/atos-dos-apostolos/17>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

<p>“29. Se, pois, somos da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra lavrada por arte e gênio dos homens.”</p>	<p>“29. γένος οὖν ὑπάρχοντες τοῦ θεοῦ οὐκ ὀφείλομεν νομίζειν χρυσῶ ἢ ἀργύρῳ ἢ λίθῳ, χαράγματι τέχνης καὶ ἐνθυμήσεως ἀνθρώπου, τὸ θεῖον εἶναι ὅμοιον.”</p>
<p>“30. Deus, porém, não levando em conta os tempos da ignorância, convida agora a todos os homens de todos os lugares a se arrependerem.”</p>	<p>“30. τοὺς μὲν οὖν χρόνους τῆς ἀγνοίας ὑπεριδὼν ὁ θεὸς τὰ νῦν παραγγέλλει τοῖς ἀνθρώποις πάντα πανταχοῦ μετανοεῖν,”</p>
<p>“30. Deus, porém, não levando em conta os tempos da ignorância, convida agora a todos os homens de todos os lugares a se arrependerem.”</p>	<p>“31. καθότι ἔστησεν ἡμέραν ἐν ἣ ἔμελλει κρίνειν τὴν οἰκουμένην ἐν δικαιοσύνῃ ἐν ἀνδρὶ ᾧ ὥρισεν, πίστιν παρασχὼν πᾶσιν ἀναστήσας αὐτὸν ἐκ νεκρῶν.”</p>

Anexo 2: Hino a Zeus, Cleanto de Assos⁴⁷

<p>Ó mais glorioso dos imortais, deus de muitos nomes e sempre poderoso, Zeus, senhor da natureza, que tudo governas com leis, salve! Pois a todos os mortais é lícito falar-te.</p>	<p>κύδιστ' ἀθανάτων, πολυώνυμε, παγκρατὲς αἰεὶ, ζεῦ, φύσεως ἀρχηγέ, νόμου μέτα πάντα κυβερνῶν, χαῖρε· σὲ γὰρ πάντεσσι θέμις θνητοῖσι προσαυδᾶν. (...)</p>
---	---

47 Anexo recortado do livro *Stoicorum veterum fragmenta*, de Iohannes von ARNIN, p. 121, fragmento 537.

Em ti está a nossa origem; a sorte de ser a imagem de um deus, só a nós coube, entre tantos seres mortais que vivem e rastejam sobre a terra.

Por isso te entoarei um hino e cantarei sempre o teu poder.

A ti obedece todo este mundo que gira em torno da Terra, por onde quer que o leves, e de boa mente te é submisso.

Seguras nas invictas mãos, como teu servidor, o raio incandescente e de dois gumes, sempre vivo. Sob o seu impulso, caminha toda a obra da natureza: com ele diriges a tua Palavra universal, que passa através de tudo, misturando-se com o astro luminoso maior, e também com os menores.

Não se faz sobre a terra obra alguma sem ti, ó deus,

nem sobre o etéreo pólo divino, nem sobre o mar, excepto os actos dos malvados na sua demência.

*οὐδέ τι γίγνεται ἔργον ἐπὶ χθονὶ
σοῦ δίχα, δαῖμον,
οὔτε κατ' αἰθέριον θεῖον
πόλον οὔτ' ἐνὶ πόντῳ,
πλὴν ὅποσα ῥέζουσι κακοὶ
σφετέραισιν ἀνοίαις· ἀλλὰ σὺ
καὶ τὰ περισσὰ ἐπίστασαι ἄρτια
θεῖναι, καὶ κοσμεῖν τ᾽ ἄκοσμα
καὶ οὐ φίλα σοὶ φίλα ἔστιν.
ᾧδε γὰρ εἰς ἐν πάντα
συνήρμοκας ἐσθλὰ κακοῖσιν,
ὥσθ' ἕνα γίγνεσθαι πάντων
λόγον αἰὲν ἑόντα, ὃν φεύγοντες
ἐῷσιν ὅσοι θνητῶν κακοὶ εἰσι,
δύσμοροι, οἳ τ' ἀγαθῶν μὲν ἀεὶ
κτῆσιν ποθέοντες
οὔτ' ἐσορῶσι θεοῦ κοινὸν
νόμον, οὔτε κλύουσιν, ᾧ
κεν πειθόμενοι σὺν νῶι βίον
ἐσθλὸν ἔχοιεν.*